

Relato de Experiência

O Desafio do Passinho como uma estratégia pedagógica - relato de experiência

Hugo Silva de Oliveira¹

Resumo: O Desafio do Passinho é um concurso de dança em um formato teórico-prático, direcionado como estratégia pedagógica para unidades escolares e instituições educativas que atendam ao público infantojuvenil localizadas em áreas circunscritas por favelas, territórios marginalizados e regiões periféricas. A aplicabilidade da proposta se baseia nas leis 10.639/03, 13.278/16, na BNCC. A finalidade é promover a aprendizagem e contribuir no sentido de dirimir as dificuldades enfrentadas pelo professor nos processos de alfabetização, distorção idade/ano de escolarização, socialização, experiências estéticas e de reconhecimento de suas potencialidades, utilizando o ritmo do Funk como forma de expressão corporal e sociocultural afro-brasileira. O trabalho é um relato de experiência com bases teóricas e uma metodologia própria ao desenvolvimento da estratégia.

Palavras-chave: dança; passinho; funk, escola; educação.

O Desafio do Passinho as a pedagogical strategy - experience report

Abstract: The Challenge of Passinho is a dance competition in a theoretical-practical format, directed as a pedagogical strategy for school units and educational institutions that serve children and adolescents in areas circumscribed by slums, marginalized territories and peripheral regions, which

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Artista de dança, educador e gestor cultural.

proposes its grounded applicability in laws 10.639/03, 13.278/16, in the BNCC. The purpose is to promote learning and contribute towards solving the difficulties faced by the teacher in the processes of literacy, age/year distortion of schooling, socialization, aesthetic experiences and recognition of their potential, using the Funk rhythm as a form of bodily and Afro-Brazilian sociocultural expression. The work is an experience report with theoretical bases and a methodology specific to the development of the strategy.

Keywords: dance; passinho; funk, school; education.

El Desafío del Passinho como una estrategia pedagógica - relato de experiencia

Resumen: El Desafío del Passinho es un concurso de danza en formato teórico-práctico, dirigido como estrategia pedagógica para unidades escolares e instituciones educativas que atienden a niños y adolescentes en áreas circunscritas por barrios marginales, territorios marginados y regiones periféricas, que propone su aplicabilidad fundamentada en leyes 10.639 / 03, 13.278 / 16, en el BNCC. El propósito es promover el aprendizaje y contribuir a la solución de las dificultades que enfrenta el docente en los procesos de alfabetización, distorsión edad / año de la escolarización, socialización, vivencias estéticas y reconocimiento de sus potencialidades, utilizando el ritmo Funk como forma de expresión corporal y Sociocultural afrobrasileña. El trabajo es un relato de experiencia con bases teóricas y una metodología específica para el desarrollo de la estrategia.

Palabras clave: danza; passinho, funk, escuela; educación.

Introdução

O presente trabalho apresenta a estratégia pedagógica chamada “O Desafio do Passinho” desenvolvida em escolas públicas e que funciona no formato de concurso de dança. Seu fundamento se baseia na territorialidade dos bailes Funks, mais especificamente na dança “Passinho Foda”, uma dança criada por jovens de favelas cariocas entre os anos de 2004-2008 como forma de demonstração das suas potencialidades corporais. Uma dança com reminiscências africanas que sintetiza e sampleia diferentes modalidades das *street dance* afro-estadunidenses, das danças do continente africano, das afro-brasileiras, entre outras. Atualmente, porém, já estabelece características próprias, de caráter coletivo, de estéticas passíveis de reconhecimento e compartilhamento e, por estarem minimamente organizados, partilhando de uma visão de mundo similar e disseminando os elementos que a definem, é considerado um movimento cultural, pelo seus adeptos e pela lei nº 6381/2018 como um patrimônio da cidade do Rio de Janeiro.

As rodas são os espaços que configuram os encontros em uma dinâmica coletiva, direta ou indiretamente. Os que estão em volta participam incentivando os que dançam através de palmas, gritos, provocações e desafios. As performances são compostas pelos inventários de passos e variações de saltos, entrecruzamentos das pernas, em um deslocamento espacial de disposição reduzida das rodas, cujos dançarines² alternam o tempo e o contratempo em uma agilidade rítmica entre 130 a 150bpm³. Trata-se de uma explosão poética de duração média de um minuto e trinta segundos, geralmente com o olhar direcionado para os próprios pés e que, não por acaso, estão quase sempre descalços. Assim, os pés protagonizam as performances, traduzindo as batidas Funk na agilidade e sinuosidade que as cinturas possibilitam, resultando no que os dançarines chamam de corpos de mola⁴.

Além disso, a dança tem ligação direta com comunicação através da cultura digital (redes sociais), pois tem como um dos principais meios de propagação o uso das redes sociais, tais como o extinto Orkut e o YouTube. Nesse contexto, destacou-se o vídeo⁵ “Passinho Foda⁶”, por ter alcançado mais de quatro milhões de visualizações em 2008.

No início do movimento, o dançarino Gualter Damasceno, o “Gambá⁷”, foi reconhecido como o Rei do Passinho e um dos ícones de representatividade nas redes sociais e em programas de televisão. Contudo, a sua morte prematura em 2012 repercutiu, de modo que este evento é considerado um dos fatores de

² O termo é usado em linguagem inclusiva para se referir aos diferentes gêneros de praticantes da dança.

³ Bpm significa batidas por minuto.

⁴ Corpo mola, é uma referência à dançarines que possuem uma flexibilidade com o tórax em coordenação com os quadris, se assemelhando à sinuosidade de uma mola.

⁵ [Passinho Foda](#)

⁶ “Foda” - de acordo com o dicionário Priberam significa: ser extraordinário, ser muito bom em alguma coisa. = SER FOGO.

⁷ Gualter Rocha Damasceno, dançarino pioneiro que foi reconhecido também pela mídia como o Rei do Passinho, assassinado em 01 de janeiro de 2012.

propagação e reconhecimento da importância da dança entre os jovens da geração Z⁸.

A dança Passinho Foda é parte da cultura juvenil pela difusão do ritmo Funk, na influência e na representatividade das personalidades que compõem os bailes, o cenário musical narrado nas composições, os produtos audiovisuais e o destaque nas redes sociais. Há também um documentário dedicado ao tema – A Batalha do Passinho, dirigido por Emílio Domingos –, o qual teve amplo reconhecimento midiático, desde programas televisivos de auditórios a jornalísticos, matérias impressas e portais *on-line*. Além disso, é tema de inúmeros trabalhos acadêmicos e, a cada dia, ganha novos adeptos.

Bases teóricas

A educação não é uma prática exclusiva da escola, ela abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, nas organizações da sociedade civil. Assim como também nas manifestações culturais, segundo orienta a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e afirma o professor Carlos Rodrigues Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1985, p. 7)

A dança Passinho Foda invade o espaço escolar na vivência dos corpos discentes no transbordo da cultura local brincante para ambiente educativo, mas é ainda pouco compreendida pela forma tradicional como alguns docentes atuam e pela implicação do racismo estrutural.

O Funk é uma cultura contemporânea cuja maioria dos adeptos são jovens, negros e favelados. Desde seu surgimento, o ritmo e seus adeptos sofrem um processo de criminalização por parte da grande mídia e conseqüentemente com o preconceito da classe média, por atrelar a violência da cidade aos locais de pessoas pobres.

Com um potencial cultural, artístico, estético, econômico, educativo entre outros, ver o Funk como essa potencialidade é ainda um ato visionário para poucos. Contudo, é mais viável aos que vivenciam o cotidiano e os contextos em que ele surge e que conseguem ter a compreensão de que seu surgimento não se dá em um área violenta, de crimes e à margem da cidade, e sim em locais com histórico de violação de direitos e, portanto, violentado, criminalizado e marginalizado, como diz a jornalista Gizele Martins:

Imaginem o que é não ser considerada parte desta cidade apenas por morar na favela? Ter que se defender todos os dias quando você atravessa os muros visíveis e invisíveis da favela? Ter que dizer que você tem cultura sim, que você é parte da cidade e não margem, que você e toda a sua ‘comunidade’ não é criminosa e sim criminalizada, que você e

⁸ A geração Z são aqueles nascidos entre o fim da década de 1990 e 2010. É a primeira geração que nasceu num ambiente completamente digital.

todos os que fazem parte desta tão grande família favelada não é violenta e sim violentada há mais de cem anos. (MARTINS, 2015)

O pouco entendimento do potencial do Funk pode ser compreendido ao analisarmos como opera o racismo estrutural no Brasil. Um dos grandes males que assolam e estruturam o país, é o racismo, e ele foi negado durante anos por intelectuais brancos que acreditavam que pelo fato de diferentes raças⁹ coabitarem em um mesmo local e não ter havido processos legais de separação social e distinção de raças, as relações eram isentas de discriminação. O mito da democracia racial nos impediu de realizar um debate profundo e necessário sobre nossa história, como explica o professor Silvio de Almeida na introdução do livro *Racismo Estrutural*:

A tese central é a de que *o racismo é sempre estrutural*, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais - e, portanto, incompletos - de conceber o racismo. Em suma, procuramos demonstrar neste livro que as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p.15, grifo do autor)

A sociedade brasileira titubeou em reconhecer os racistas, enfrentar os poucos casos que são registrados em nossa história, e puni-los como manda a lei, logo a discussão dificilmente é levada a sério e não reverbera de forma didática na sociedade. Assim não se percebe o quão enraizadas as ideias coloniais estão no cotidiano, na estrutura e nas instituições sociais.

A família, a escola, as empresas, a Igreja e o Estado compõem essas as instituições que, por sua vez, se constituem de relações políticas, econômicas e jurídicas. Tais organismos são estruturantes de nossa sociedade e, apesar de parte dos indivíduos negarem serem racistas, por não prejudicarem ou promoverem ações baseadas em raça, ignoram o fato de estarem inseridos em uma estrutura historicamente colonial, cujas práticas sociais e educativas reproduzem comportamentos aprendidos na convivência e, ainda que de maneira não intencional, agem com micro violências e agressões que, distantes do chicote, ferem a alma e marcam a psique tanto quanto na pele. Estão na sutileza de comentários, brincadeiras, comparações, nos estereótipos, nos silenciamentos, nas piadas, no preterimento, no isolamento e também na condenação de uma cultura.

⁹ Quando os portugueses chegaram ao Brasil, trazendo africanos escravizados, já estavam aqui grandes populações indígenas; os acordos e incentivos migratórios promoveram ainda mais uma coabitação entre diferentes povos africanos, europeus e asiáticos. Contudo não impediram a história de registrar as práticas discriminatórias sociais, como é possível analisar em *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. São Paulo: Annablume, 1987 da Professora Célia Maria Marinho de Azevedo.

Na rotina e nos rituais de povos indígenas brasileiros e populações de África, a dança é uma prática historicamente comum. Na colonização das Américas e na vinda forçada de africanos ao país, por meio da escravidão, a dança foi uma das práticas que resistiram aos processos de demonização das culturas, tentativas de apagamento e negação ou subjugação, impostos pelos colonos.

Contudo, as consequências desses processos ainda podem ser identificadas em nossa sociedade, e o ambiente escolar é um espaço que reproduz algumas lógicas coloniais e logo, promove a manutenção de práticas racistas, ainda que de maneira indireta. A professora doutora na Faculdade de Educação da USP (FE-USP) e ex-coordenadora executiva da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (2005 a 2014), Iracema Santos do Nascimento comenta em entrevista:

O racismo estrutural estrutura a sociedade brasileira desde a invasão portuguesa nessas terras. Assim, quando pensamos na organização das nossas escolas, essa discussão não existia. Atualmente, a educação antirracista (que vem sendo proposta há décadas) ganhou bastante força, e esse debate tem sacudido todas as pessoas, negras e não-negras, brancas e não-brancas, a não mais compactuar com essas estruturas. Esse é um chamamento ético, que se impõe pela força da causa. (NASCIMENTO, 2020)

Tendo o espaço da rua como fundamental e potência para educação, O Desafio do Passinho é pensado como estratégia de ensino que utiliza os elementos do cotidiano dos estudantes no espaço escolar como prática pedagógica por meio da dança Passinho Foda. A dança, com seu potencial multidimensional e multidisciplinar, é apresentada como um desafio e como uma provocação aos professores para compreenderem as culturas juvenis e usá-las como motivação à permanência interessada dos estudantes, tanto desenvolvendo seu potencial, quanto dirimindo as dificuldades que eles ou a escola estejam tendo com a turma.

Assim, a dança é pensada como uma linguagem artística e área autônoma do conhecimento, pois se utiliza do corpo como instrumento inicial de experiências com o mundo. Uma vez compreendido tal potencial, é possível utilizá-lo como estratégia de desenvolvimento de múltiplas competências, conforme citam ASSIS e ROCHA (2017) no livro didático *Referências Culturais Para uma Pedagogia da Dança*, do curso de licenciatura em dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA):

É preciso perceber que, ao falarmos do ensino da Dança na escola, nos referimos a ela como linguagem artística e área do conhecimento. A Dança deve ser tratada no currículo escolar como Arte, considerando o amplo conjunto de saberes que fazem dela uma área autônoma do conhecimento. Por meio da dança é possível desenvolver o desempenho técnico-interpretativo, no sentido de possibilitar ao estudante se apropriar de movimentos e técnicas de Dança que serão fundamentais no desenvolvimento de competências como: autopercepção do seu corpo, ritmo, lateralidade, visão periférica, ampliação do repertório motor e afins. A Dança na escola pode favorecer processos de criação que serão importantes no desenvolvimento de competências como: criatividade, sentimento de pertença, respeito, solidariedade e etc. Com a Dança é

possível ainda trabalhar a fruição artística na escola, pois ao colocar o estudante em contato com diferentes proposições artísticas desta linguagem se possibilita a esse corpo ler o mundo com o olhar impregnado pelos conhecimentos da Dança. (ASSIS; ROCHA, 2017, p.10)

Diante dos processos históricos no pós-abolição, a população negra e as condições às quais foram submetidas na educação – de proibição ao acesso¹⁰ até a falta de oportunidades – no que tange ao acesso à Educação Infantil, Fundamental e ao Ensino Médio¹¹, como traz a filósofa Djamila Ribeiro:

É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação. (RIBEIRO, 2019, p.9-10)

Não há como pensar um desenvolvimento educacional sem atentar aos processos de inclusão, sem levar em consideração o contexto político social em que as escolas brasileiras estão inseridas. A educadora Vera Maria Candau reitera:

Se todo o processo de ensino-aprendizagem é “situado”, a dimensão política-social lhe é inerente. Ele acontece sempre numa cultura específica, trata com pessoas concretas que têm uma posição de classe definida na organização social em que vivem. Os condicionamentos que advêm desse fato incidem sobre o processo de ensino-aprendizagem. A dimensão político-social não é um aspecto do processo de ensino-aprendizagem. Ela impregna toda a prática pedagógica que, querendo ou não (não se trata de uma decisão voluntarista), possui em si uma dimensão política-social. (CANDAU, 2014, p. 15-16)

Deveria se ter como premissa compreender o contexto e, a partir disso, construir e promover o planejamento pedagógico, utilizando as culturas locais como estratégia para o desenvolvimento das práticas de ensino-aprendizagem.

Para o objetivo da experiência com a dança Passinho Foda, foi pensada a junção de duas propostas. Uma é a profissionalização de dançarines da primeira geração, mais conhecidos como Relíquias. A outra é a atuação destes em espaços de ensino da rede pública e instituições educacionais com crianças e adolescentes em fase de formação, fazendo assim a conexão intergeracional na qual uns sejam espelho e reflexo dos outros. Sobre essa relação comunitária entre pessoas negras, a professora Dra. Sandra Haydée Petit destaca: “Nesse contexto, não importa a diversidade de linguagens, festas e formas da dança

¹⁰ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX. São Paulo: Annablume, 1987.

¹¹ Dados coletados a partir dos seguintes materiais organizados e publicados pelo Todos Pela Educação: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019; Divulgação da Meta 3 do Todos Pela Educação - Todo aluno com aprendizado adequado ao seu ano; e Observatório do PNE (metas 1 e 3).

brincante negra, todas promovem relação de pertencimento comunitário em torno do ato de reverenciar os antepassados.” (2015, p. 97)

Mediante os pressupostos acima, lanço mão dos conceitos de *inteligências múltiplas*, do psicólogo americano Howard Gardner (1999), e de *letramento de reexistências*, da Socióloga Ana Lúcia Souza (2009), para respaldar a construção da estratégia pedagógica. A partir da identificação da inteligência corporal-cinestésica, uma das nove inteligências conceituadas por Gardner. Para o psicólogo, aqueles que dominam a inteligência corporal-cinestésica são reconhecidos pela superioridade em suas capacidades motoras e de expressão dos próprios sentimentos através de variadas manifestações corporais sendo conhecida como uma forma diferenciada para “solucionar problemas”, assim uma evidência cognitiva do uso do corpo, como explica o autor:

O movimento corporal passa por um programa desenvolvimental claramente definido nas crianças. E não há dúvidas de sua universalidade entre as culturas. Assim, parece que o “conhecimento” corporal-cinestésico satisfaz muitos dos critérios de uma inteligência. A consideração do conhecimento corporal-cinestésico como “solucionador de problemas” talvez seja menos intuitiva. Certamente, executar uma sequência mímica ou bater numa bola de tênis não é resolver uma equação matemática. E, no entanto, a capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção (como na dança), jogar um jogo (como num esporte) ou criar um novo produto (como no planejamento de uma invenção) é uma evidência dos aspectos cognitivos do uso do corpo. (GARDNER, 1994, p. 23-24)

Os/as sujeitos/sujeitas que se enquadram neste perfil geralmente apresentam maior capacidade de controlar o corpo de forma qualificada, com uma coordenação mais precisa e habilidosa, tornando-se dançarines, artistas circenses ou cênicos e atletas. Apesar das inteligências agirem de forma complementar, é importante que os espaços educativos estejam adequados aos perfis das inteligências, pois quando bem organizados, auxiliam no desenvolvimento e melhoram os resultados. Uma vez que o professor tenha ciência dos diferentes tipos de inteligência, os estudantes passam a ser vistos com mais sensibilidade.

Quando a socióloga Ana Lúcia Souza traz o conceito do *letramento de reexistência*, acreditamos que contribui para a compreensão das práticas populares e cotidianas como processos de linguagens e de educação que capturam e discutem as realidades sociais e históricas. Esse conceito ainda leva em conta a inserção de diferentes discursos nos imaginários, fixos e pré-estabelecidos, que na sua maioria não consideram as camadas mais vulneráveis da sociedade, marcadas pelos recortes de classe, raça e gênero. O Hip Hop é a agência de letramento de reexistência analisada pela pesquisadora Ana Lúcia Silva de Souza. Ela afirma:

Letramento de reexistência será aqui apontado como uma reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. (SOUZA, 2009, p. 33)

Nessa experiência, outra agência é discutida: o próprio Passinho Foda, uma vez que compreende a inteligência corporal-cinestésica e destaca uma prática cotidiana e singular das camadas populares e faveladas do Rio de Janeiro com potencial educativo. O objetivo geral da estratégia é, portanto, se utilizar da dança para que os participantes tenham possibilidade de acessar e descortinar suas subjetividades. Destaco principalmente as crianças e jovens pretas e faveladas do ensino básico e fundamental, fase da construção de suas identidades, representatividades, seus imaginários e suas estéticas contramidiáticas. A estratégia visa também oferecer o ensino da dança Passinho Foda como parte da cultura Funk, com suas técnicas, suas histórias, cultura e saberes afrodiaspóricos e afro-brasileiros, como referência conceitual para formação de estudantes e professores, bem como na produção e implementação dos currículos escolares e universitários. Teremos, assim, uma prática de educação decolonial e antirracista.

Dessa forma, pensamos o Passinho Foda como uma prática de educação decolonial por entender a importância do Movimento Negro Brasileiro, da cultura Funk e de intelectuais negras e negros. São muitos que me antecedem, na luta, no pensar. Eles são escolhidos também por investirem no poderio do corpo como plataforma da proposição curricular e das mudanças liberadoras para as disputas do conhecimento e dos saberes. Eles se utilizam da produção de um pensamento engajado, como cita a professora Nilma Lino Gomes:

Os sujeitos produtores de um pensamento engajado são aqueles que refletem e, ao mesmo tempo, agem. Ou seja, as negras e negros intelectuais e ativistas que trabalham numa perspectiva negra decolonial brasileira são reflexivos em ação e, ao mesmo tempo, atores em reflexão. (GOMES, 2020, p.244)

Tal conhecimento não se constrói à distância, mas sim a partir do contexto local, de becos e vielas, das favelas, das periferias e dessas experiências do cotidiano, de um fazer emergencial que constrói soluções para as questões que afligem e doem no agora. E é antirracista por acreditar que o antirracismo é uma ação, um verbo que só faz sentido quando conjugado. Portanto, é indispensável para o processo de descolonização da estrutura social, não só pensar o racismo, mas que se atue no antirracismo.

Como parte da sociedade, as escolas devem avançar nesse sentido, com todo o corpo diretor, coordenação pedagógica, professores, equipe da limpeza, manutenção e seguranças, informando-se sobre as políticas de combate à desigualdade racial e trabalhando para ampliação da diversidade. O acesso às culturas, principalmente as locais, não só pode como deve ser utilizado de forma estratégica em atividades, projetos, programas e políticas educacionais como ações afirmativas no desenvolvimento dos educandos.

Metodologia desenvolvida

O processo de construção da estratégia está em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em consonância com o volume 6 (Arte) e 7 (Educação Física). A partir da aprovação da lei 13.278/16, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, da Base Nacional Comum Curricular em 2017, em que a Dança passa a fazer parte de forma obrigatória do ensino das habilidades de

Linguagens, Arte e Educação Física, bem como a lei 10.639/03 e 11.645/08, que prevê o ensino da História da Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Logo, a estratégia visa a implementação dessas leis, tendo em vista a contribuição da população negra na dança, com o Passinho Foda; na música, com Funk; e em ambos como cultura.

O Desafio do Passinho promove um concurso de dança em etapas eliminatórias que culminam em uma disputa final. Paralelamente, são realizadas oficinas e rodas de conversas com as referências da cultura do Passinho Foda ou da localidade com temáticas relacionadas às dificuldades que a escola esteja enfrentando.

Caso não seja um professor, o gestor do projeto deverá mapear o contexto histórico do espaço educacional para entender o território e identificar as referências do local para os jovens. Caso seja um professor, espera-se que já conheça e esteja sensibilizado com o contexto em que atua. Em seguida, a estratégia pedagógica é apresentada à direção da escola para o aceite junto à Corregedoria Regional de Educação (CRE) e posterior alinhamento com a coordenação pedagógica¹² para eleição da(s) turma(s) que vão participar do Desafio. Com a(s) turma(s) selecionadas, o gestor organiza uma reunião de escuta com os professores e estudantes sobre as dificuldades que estão sendo enfrentadas e define, dentro das cinco etapas de eliminação: os temas, a quantidade de oficinas e rodas de conversas por semana, bem como os(as) convidados(as) que participarão, incluindo as bancas de jurados.

Após definidas as dinâmicas, inicia-se a sensibilização dos estudantes. Esta etapa poderá ser feita por meio de sessões de vídeo sobre a dança Passinho Foda, divulgação do evento com cartazes informativos nos murais, bilhetes nos cadernos ou agendas direcionadas aos responsáveis.

A seguir, é o momento de desenvolvimento da temática dentro das turmas com as rodas de conversas e oficinas periódicas, trazendo convidados(as), para o desenvolvimento técnico, corporal, lúdico e motivacional para participação nas disciplinas e discussões sobre as dificuldades sinalizadas. Posteriormente ocorrem as eliminatórias, que também podem contemplar ex-estudantes, e por fim, temos a grande final. Dependendo do tamanho do público e do grupo, ela pode ser realizada na própria escola e/ou em espaços públicos de fácil acesso do entorno, como: vila olímpica, quadra, salão ou clube do bairro.

Entre o gestor do projeto, a direção, a coordenação pedagógica e os professores é estabelecida uma via de mão dupla na aprendizagem com os estudantes. As oficinas são acompanhadas pelo gestor e realizadas pelos convidados(as) duas vezes por semana. Nos demais dias, é sugerido aos professores da turma que desenvolvam aulas e atividades que se apropriem e/ou desdobrem as temáticas nos componentes curriculares durante as etapas eliminatórias. A duração do projeto é em média de três meses, a contar do planejamento, desenvolvimento e até final do concurso, quando ocorre a culminância envolvendo toda escola.

Os materiais necessários para realização são equipamentos de áudio e tecnologia, como: caixa de som, celular, laptop e cabo p2-p10, que em grande parte podem ser encontrados como parte do material didático pedagógico dos

¹² É importante atentar para o calendário escolar evitando o choque de datas, como: provas, reuniões de pais, conselhos de classe e afins.

professores. Tais materiais são fundamentais para a construção da atmosfera favorável à simulação do que se encontra nos espaços populares de lazer, como as festas e bailes, tão comuns ao cotidiano do público infantojuvenil e propícios ao processo significativo de ensino-aprendizagem.

Apesar dos fatores limitadores da formação continuada dos docentes que abordam a dança, a proposta está em fazer com que os professores pensem no contexto em que a escola está inserida e nas diferentes possibilidades de trabalhar esse conhecimento mesmo sem ser um profissional de dança.

Etapas

1ª) Mapeamento do contexto histórico do espaço educacional.

2ª) Apresentação à direção escolar e equipe docente interessada no desenvolvimento da estratégia pedagógica.

3ª) Formalização na Coordenadoria Regional de Educação (CRE) ou instância superior responsável pelo espaço educativo.

4ª) Definição das turmas participantes, adequação à disciplina, agendamento dos eventos de eliminatórias, oficinas e convidados em reuniões organizadas pela equipe pedagógica e com a participação dos estudantes.¹³

5ª) Divulgação aos estudantes e responsáveis nas mídias digitais, nos cartazes, murais e em bilhetes na agenda.

6ª) Realização das rodas de conversas e oficinas.

7ª) Eliminatórias com a banca de jurados nas unidades escolares escolhidas com a participação aberta a jovens convidados, caso haja interesse.

8ª) A Grande Final em local a ser escolhido (escola ou equipamento público).

Sugestão de temas para rodas de conversas e oficinas durante as eliminatórias:

1. Culturas afrodiaspóricas e o Passinho Foda

Oficina: Danças Afro-Brasileiras

2. Favelas

Oficina: Mapeamento afetivo do território

3. O surgimento do Passinho Foda

Oficina: Das coreografias de bonde às bases do Passinho Foda

4. Equipes de Som, DJ e Mcs e Movimento Funk Carioca

Oficina: DJ e composição musical

¹³ É importante atentar para o calendário escolar evitando o choque de datas, como: provas, reuniões de pais, conselhos de classe e afins.

5. Xarpi: A escrita como identidade
Oficina: Pixação, Graffiti e escrita criativa

Eliminatórias

As eliminatórias têm por objetivo selecionar estudantes para compor as chaves da etapa final do concurso. Em algumas escolas, a etapa pode servir diretamente como culminância, direcionando um estudante para a final. A sua elaboração é constituída a partir de 16 selecionados em categorias diferentes para os duelos. Nestes, **Nova Geração** representa o 1º ao 5º ano, **Elite** o 6º ao 9º ano e **Embrasados**¹⁴ ex-estudantes convidados. São diluídas conforme o agendamento prévio resultando na grande final e, como motivação, podem contar com premiações e recompensas que motivem os estudantes a participarem tais como: notas, livros, brinquedos, medalhas, troféus, e afins.

Ressalta-se que as eliminatórias devem contar com atrações constituídas por todos os estudantes que apresentam habilidades artísticas. É uma oportunidade de debater a inclusão de pessoas com deficiências, promovendo o direito e o reconhecimento de suas potencialidades, o que soma para abrilhantar o evento e torná-lo ainda mais enriquecedor.

Formato - Eliminatórias

O formato de organização das eliminatórias ocorre como demonstra a figura 1, em três etapas: 1. Envolver um número x de escolas do entorno do território; 2. Realize os duelos de dança entre os estudantes da própria unidade escolar; 3. Promova um encontro com os selecionados para um desafio final entre as escolas.

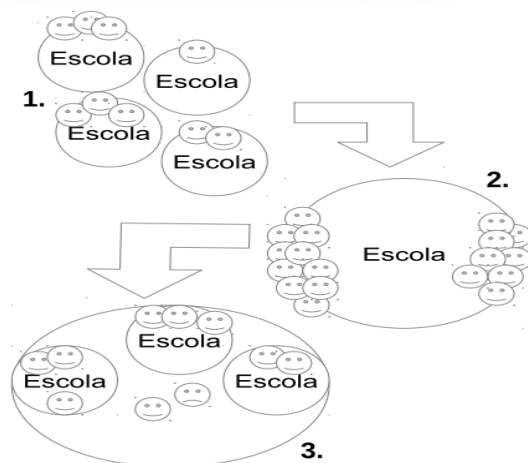


Figura 1. Esquema das eliminatórias

As chaves eliminatórias, figura 2, são utilizadas para organizar a participação dos estudantes, um modelo tradicional e comum a competições desportivas.

¹⁴ Essa categoria foi uma estratégia de inclusão utilizada pelo gestor, para os jovens de outras unidades escolares do entorno do território, nas quais o projeto não foi contemplado, como também para os não estudantes que insistiram em participar.

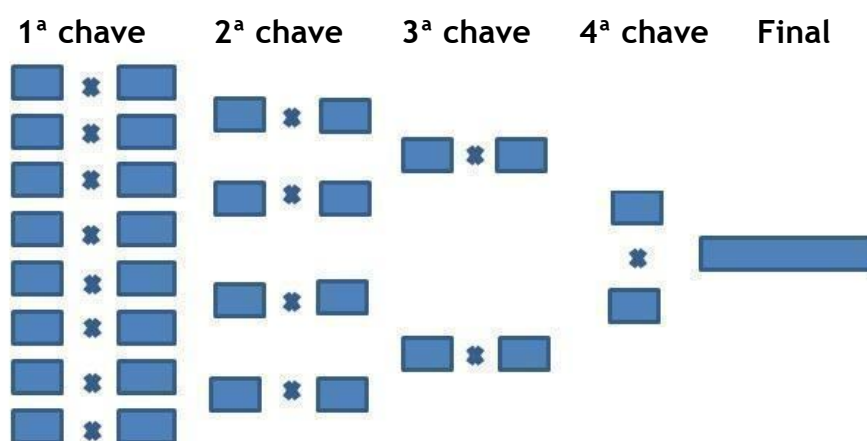


Figura 2. Chave eliminatória

Apoio

É fundamental o apoio de diversas pessoas para o desenvolvimento da estratégia, a iniciar pelos professores e oficinairos, que desenvolvem aulas exclusivas sobre os temas abordados e contribuem com a organização das rodas e duelos nas eliminatórias. As merendeiras podem se dispor a elaborar um cardápio especial e assim tornar os momentos mais prazerosos. Os ex-estudantes podem ser convidados a participar da categoria Embasados e auxiliar na legitimação da estratégia na escola, na mediação com a comunidade local, na facilitação das atrações dos eventos e também para compor a banca de avaliação das eliminatórias. Os responsáveis podem fortalecer o evento com suas presenças, quando possível, nas etapas eliminatórias, mas principalmente na grande final.

Desenvolvimento do projeto

O desenvolvimento da estratégia pedagógica ocorreu através de experiências em três territórios e escolas localizadas em favelas ou áreas consideradas marginalizadas nos anos de 2012, 2015 e 2018. Em 2012 e 2015 a estratégia foi realizada sem a participação direta dos jovens pioneiros, os Relíquias. Em 2018, porém, após o reconhecimento da categoria e da profissionalização dos dançarines, a interação aconteceu diretamente com as turmas em sala de aula por meio de oficinas, rodas de conversas e também como apresentadores e jurados.

A primeira experiência, em 2012, ocorreu como contribuição aos programas educacionais de gestão pública no Município do Rio de Janeiro (Secretaria de Educação), na ocasião em que o autor atuou como gestor de

projetos na ONG CIEDS¹⁵ – pelo projeto Bairro Educador¹⁶. As unidades escolares contempladas foram a Escola Municipal Estados Unidos¹⁷, Escola Municipal Canadá e Escola Municipal Catumbi. Ali foi possível constatar o entranhamento da representatividade do movimento Funk, contribuindo na diminuição das inúmeras dificuldades de ensino e aprendizagem e na comunicação entre professores e estudantes.

A partir da experiência adquirida no Projeto Bairro Educador e estando então no Programa Rio+Social¹⁸ no território do Morro dos Macacos e São João (coordenado pelo Instituto Pereira Passos¹⁹ também da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro), o autor propôs, em 2015, o uso da estratégia pedagógica aqui apresentada pelas vulnerabilidades similares entre os territórios. Com a adaptação do nome para “*Vem Ni Mim Que Eu Sou Passinho*”, a estratégia foi replicada nas seguintes escolas: Escola Municipal Equador, Escola Municipal Argentina, Escola Municipal Assis Chateaubriand e Escola Municipal Mario de Andrade, localizadas no entorno dos morros. O projeto alcançou resultados tão exitosos quanto da primeira vez.

Em 2018, o território escolhido foi a região portuária, mas especificamente a Escola Municipal Benjamin Constant que atende os estudantes do Morro da Providência, local onde o autor dessa experiência nasceu, cresceu e reside. Com a estratégia mais amadurecida, realizou-se a proposta dentro do modelo idealizado inicialmente, com a participação dos Relíquias, algumas lideranças locais e os professores, para o planejamento e organização.

Enfim, desenvolver a estratégia pedagógica O Desafio do Passinho contribuiu para a implementação da dança como campo de conhecimento e aplicação das leis, desenvolvimento cidadão, criação e articulação de oportunidades formativas, conexão das unidades escolares aos potenciais educativos do bairro/cidade e vice-versa. O projeto também colaborou na promoção de ações culturais que ocupassem os espaços públicos ressignificando tais locais, tornando-os espaços plurais de desenvolvimento das habilidades

¹⁵ CIEDS - Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, uma organização sem fins lucrativos, de utilidade pública federal fundada em 1998.

¹⁶ “Bairro Educador (BE) é um projeto da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, integrado ao programa Escolas do Amanhã. Desde junho de 2010, o CIEDS executa o projeto, com apoio da Associação Cidade Escola Aprendiz, ONG parceira”. Disponível em: <http://www.cieds.org.br/projetos/7>. Acesso em: 5 set. 2017.

¹⁷ Por ser uma Escola do Amanhã, os estudantes dessa unidade contavam com acompanhamento periódico de uma equipe de suporte contendo uma psicóloga e assistência social.

¹⁸ “Coordenado pelo Instituto Pereira Passos (IPP) em parceria com o ONU-Habitat - o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos -, o Rio+Social atua promovendo a melhoria na qualidade de vida de populações que moram em áreas ocupadas por Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). A atuação do Rio+Social tem o seu trabalho pautado por três eixos: o da informação - com levantamentos que geram um retrato e um panorama de cada região; o da intersetorialidade - promove a troca entre as várias instituições presentes no espaço em questão, inclusive os órgãos públicos, evitando assim a fragmentação e a sobreposição de ações; e o da territorialidade – promove a escuta, ação e integração com o público nas áreas atendidas”. Disponível em: <http://www.riomaisocial.org/programa>. Acesso em: 10 junho 2021.

¹⁹ Instituto Pereira Passos, autarquia que se dedica a produzir dados e conhecimento sobre toda a cidade, para apoiar a gestão pública.

sociais, individuais e produtivas dos estudantes, auxiliando também na construção da identidade, do referencial estético e da contranarrativa midiática, principalmente do jovem negro de favela e de sua cultura.

Considerações finais

Danço, logo existo! É adaptando a fala do filósofo francês René Descartes e incluindo o corpo que o autor encontra o meio para expressar uma das melhores sensações que viveu ao utilizar a estratégia pedagógica, pois foi uma descoberta desafiadora e fascinante.

Presenciar as manifestações que um evento causa dentro do ambiente escolar legitima o quão é transformador o uso da Dança para nutrir o saber, resgatando-o como um organismo vivo, prazeroso, constituído de sentidos e significados, contribuindo para o estabelecimento da nossa integralidade humana, conforme diz a professora Isa Maria Guará:

Para alinhar as iniciativas, tomamos por referência a concepção de educação integral que traz o sujeito para o centro das indagações e preocupações da educação. Agregando-se à ideia filosófica de homem integral, realçando a necessidade de desenvolvimento integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais, dentre outras, resgatando, como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade. (GUARA. 2006, p. 16)

Ressalta-se ainda, a credibilidade ao projeto, recebida através dos atores e parceiros que atuam nos espaços escolares. Eles compartilharam das dificuldades e êxitos de uma experiência que é de fato, utilizada como estratégia e prática em consonância com a BNCC:

Então ali a gente pode estar trabalhando as regras, a gente pode estar trabalhando convívio, com ritmo, tempo e isso tudo vai fazendo um entrelace com matemática, com a língua, as linguagens, todas as formas. Então esse ano, particularmente, esse ano aqui na escola, estamos valorizando muito esses projetos, atividades e que envolvam essas questões de outras a habilidade, outras competências, além daqueles de sala de aula, do currículo. (OLIVEIRA, 2012)

Como um contraponto, que eu acho que é o papel da escola, mas também trazer, e mostrar e valorizar essa música que eles tem, mas de uma forma positiva, não negativa, como sempre foi. (REIGOTO, 2012)

Com o passar do tempo fomos surpreendidos em relação ao modo como a estratégia ganhou visibilidade e foi incluída em publicações²⁰ das instituições em que atuo como gestor, o que contribuiu com a ampliação da compreensão acerca das produções realizadas.

Dentre os resultados obtidos por meio da estratégia pedagógica “O Desafio do Passinho”, destaca-se: um documentário (DVD) como memorial de trabalho

²⁰ Disponível em:

<https://www.cieds.org.br/686,2,escolas-utilizam-funk-como-instrumento-pedagogico> e
<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/competicao-de-passinho-agita-moradores-de-vila-isabel-partir-de-sexta-feira-16402353>

de conclusão de curso aprovado com nota dez e indicação para o mestrado, a seleção do estudante Lucas Batista da Escola Municipal Estados Unidos para a etapa da Batalha do Passinho oficial em 2012²¹; a utilização do material²² pelo grupo de pesquisa Observatório Jovem da Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF), para realização de um estudo de caso e como proposta de exercício no II Caderno de professores do Ensino Médio (MEC); e, ainda, apresentada em 2016 na 4ª Jornada de Educação e Relações Étnico-Raciais do Museu de Arte do Rio.

Por fim, são muitos os relatos obtidos durante as experiências. Para concluir trago um dos mais marcantes, o relato do aluno Jonathan STS da Escola Municipal Benjamin Constant, e parafraseio Gonzaguinha (1982): “Eu fico com a resposta das crianças...”:

Eu sou Jonathan, não fui criado aqui [Morro da Providência], vim morar aqui há pouco tempo com a minha mãe, aí vim estudar aqui. Antes a quarta feira era sempre aqui, só aqui na quadra, só jogando futebol, nunca tinha uma coisa diferente, aí quando a professora falou que a gente ia ter uma surpresa, aí, como? Nós ficô como? Quem deve vir? Quem é? Quem é? Aí eu conheci vários caras que dança, várias histórias. Como é que eles viajaram, essas coisas assim. Gostei, comecei a participar do negócio... Gostei quando o DJ veio. Aí como todo mundo ficou bom, dançamos, aprendi um pouquinho, ia para casa, começava a vir, começar a treinar. Uhm... Meu maior sonho é virar empresário, começar com investir em uma coisa pequena para depois subir. Falei pra minha mãe, foi muito bom quarta feira, conheci outros dançarinos. Aí ela falou: é filho?! ... Aí ela falou assim: Oh... Se tu quiser dançar, dança. Mas também tem que começar a trabalhar. Mas eu falei: Mãe, mas dançar também dá dinheiro, se eu não conseguir virar empresário vou virar dançarino também, vou viajar, viajar logo para o Canadá onde é meu sonho ir. (Jonathan STS, 2019)

Referências

ALMEIDA, S. L. de. Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida. IN: RIBEIRO, D. (org.) *Feminismos Plurais*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen; 2019. 264 p.

ASSIS, T. S; ROCHA, L. V. *Referências Culturais Para uma Pedagogia da Dança*. Salvador: UFBA, 2017.

AZEVEDO, C. M. M. de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. A

²¹ Disponível em:

<http://www.cieds.org.br/686,2,escolas-utilizam-funk-como-instrumento-pedagogico>.

²² Disponível em:

<http://www.emdialogo.uff.br/content/o-desafio-do-passinho-uma-forma-de-expressao-corporal-e-sociocultural>.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2019.

_____. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. *Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 - primeira parte*, Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1878.

_____. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília.

_____. Lei 13278/2016, de 2 de maio de 2016. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília.

_____. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

CANDAU, V. M. A didática e a formação de educadores- Da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. (Org.) *A didática em questão*. 36 ed. Petrópolis: Vozes, p.13-75, 2014.

CIEDS. *Traçado Metodológico: um caminho percorrido. Projeto Bairro Educador. Programa Escolas do Amanhã*. Rio de Janeiro: CIEDS, 2013. Disponível em: <https://www.cieds.org.br/docs/tracado-metodologico.pdf>. Acesso em: 5 set. 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARDNER, H. *inteligencias multiplas: a teoria na prática* / Howard Gardner; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese - Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOMES, N. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. IN: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES; N.;

GROSGUÉL, R. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. São Paulo: Autêntica, 2020. p. 244.

GUARÁ, I. M. F. R. *É imprescindível educar integralmente. Cadernos Cenpec Pesquisa e ação educacional*. v.1. n. 2. 2006. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168> . Acesso em: 5 set. 2017.

MARTINS, G. Jornal O Globo. 11 de nov. 2015. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/o-grito-de-socorro-da-mulher-favelada.html>. Acesso em: 12 de jan de 2022

NASCIMENTO, I. *O racismo estrutural na escola e a importância de uma educação antirracista*. Cepec, 11 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/o-racismo-estrutural-na-escola-e-a-importancia-de-uma-educacao-antirracista>) Acesso em: 11 de jan de 2022.

OLIVEIRA, A. Diretora da Escola Municipal Estados Unidos. *O Desafio do Passinho: Uma Forma de Expressão Corporal e Sociocultural*. Youtube, 11 de dez.2012 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ggDH2lvNEBk>>. Acesso em: 07 de jan. 2022.

PETIT, S. H. Pretagogia: *Pertencimento, Corpo - Dança Afroancestral e Tradição Oral na Formação de Professoras e Professores - Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015.

REIGOTO, G. Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Catumbi. *O Desafio do Passinho: Uma Forma de Expressão Corporal e Sociocultural*. Youtube, 11 de dez.2012 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ggDH2lvNEBk>>. Acesso em: 07 de jan. 2022.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. 2009. [s.n.]. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - São Paulo, 2009.

STS, J. Aluno da Escola Municipal Benjamin Constant, *O Desafio do Passinho - E.M Benjamin Constant*. Youtube, 05 de maio de 2019 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xWJsB2tgf0g&t=37s>>. Acesso em 07 de jan. 2022.

Recebido em: 15/06/2022

Aceito em: 18/07/2022